



MINHOTA. — Estudo a óleo da distinta amadora D. Esther da Graça e Silva

2.<sup>a</sup> série — N.º 498

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre.....	1\$20	ctv.
Semestre.....	2\$40	>
Ano.....	4\$80	>

Numero avulso, 10 centavos

## Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SEculo

Agencia da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,  
Rue des Capucines, 8

Lisboa, 6 de Setembro de 1919

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVEZ

Redacção, administração, oficinas de composição e impressão  
RUA DO SEculo, 43



# CARTUCHOS Para Rifles de Calibre 44



Como possuidor de um rifle interessa-lhe munição que conta com o apoio de um record dependível desde ha cincuenta annos.

Isso é o que se obtém quando se compram cartuchos calibre .44.

Todas as caixas de qualquer calibre que tenham a marca bolla vermelha Remington - UMC tem esta garantia de confiança e todo o apoio.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company  
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil LEE & VILLELA  
Caixa Postal 420, São Paulo  
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas OTTO KUJHEN  
Caixa Postal 20 A.  
Manaus

Agente em freguez G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.



## FOTOGRAFIA

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR



SELLOS DE CORREIO  
CATALOGO GRATIS E FRANCO  
Remettam-se Folhas para escolher  
**POULAIN FRÈRES**  
44, Rue de Maubeuge. 44 - PARIS

# Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

### CAPITAL

Ações.....	300.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização.....	266.600\$000
Réis.....	350.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietária das fabricas do Prado, Marianala e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de

escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.

### ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA: 270, R. da Princesa, 276 — PORTO: 49, R. de Passos Manuel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado

Numero telefonico: Lisboa, 605 — Porto, 117.



**M**OZAICOS — AZULEJOS —  
CAL HYDRAULICA  
CIMENTO AGUIA ROCHEDO  
**GOARMON & C.**  
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21  
TELEFONE 1244 — LISBOA



## Compra e venda de propriedades

**HYPOTHECAS**  
Em Lisboa e Provincias  
Trata. A. GOMES DA SILVA  
R. Augusta, 229, a.º-Lisboa

**Perfumaria**  
**Balsemão**  
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Lêr na quinina-eita proxima o

**Seculo Comico**  
Preço 1 centavo

**P. PARTICULAR**  
INSTITUTO especial para informações, Investigações e Vigilancia de pessoas. RUA DO REZEADOR (ao Caldas) 9, rjc. — LISBOA.

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 498

6-9-1915

## A imperatriz Eugenia

A imperatriz Eugenia, que abandonou a sua residencia de Farnborough, em Inglaterra, aos feridos inglezes, vac, de quando em quando, visital-os e tem para todos uma boa e suave palavra. Vejo-a agora, aqui, retratada em um dos ultimos «Miroirs», no seu «embonpoint» de octogenaria resistente, sorrindo para um hussard de Bengala pavorosamente retalhado. Infelizmente, a fotografia não nos diz que pensamentos de anciedade e de esperança tumultuam por detraz d'aquelle claro sorriso. Se todas as alegrias se resgatam, na vida, com outras tantas dôres, a imperatriz Eugenia pa-



gou já, tem caro, os seus quinze anos felizes e faceis entre as festas de Compiègne e os saraus das Tulherias. A sua auréola de soberana apagou-se n'aquelle quarto dia de setembro, ao fugir sombriamente pela humilde porta do palacio dos reis; hoje apenas tem o resplendor que quasi meio seculo d'amar-gura creou em torno de si. Já

tão perto do tumulto que pedirá a Deus a imperatriz Eugenia? A Prussia varreu o seu imperio, matou o seu marido no exilio, levou o seu filho, orfão do pae e do trono, a um barranco da Zululandia d'onde nunca mais voltou. Que pede a Deus a imperatriz Eugenia? Que Ele a deixe viver mais algum tempo para vêr triunfalmente vingado o sangue dos seus queridos francezes de 1870.

## O capitão Aragão

O capitão Aragão recusou, depois do Cinco d'Outubro, o posto d'acesso que a Republica pensou dar-lhe. Recusa, agora, o seu terceiro galão e, parece, só a força do facto já consumado o sujeitará a usal-o. Nos «compte-rendus» de todas as festas, de todas as homenagens, não veio o seu nome entre a assistencia; apaga-se voluntariamente, descança da sua lide trabalhosa junto dos seus queridos, e julgo mesmo que os amigos tem difficuldade em vê-lo. O capitão Aragão, que fez, em Naulila, bem mais do que o seu dever, não parece ligar a este facto uma importancia muito grande. Cheio de vida e de mocidade, poderia, como tantos outros, deixar-se levar na irresistivel aclamação das massas populares, excitar-se com o hino que os portuguezes cantaram em sua honra. Seria justo, natural e humano. Não o fez, porém. O capitão Aragão não é, apenas, uma nobre espada; é, tambem, um nobre espirito.



## Grèves

Ha dias, Lisboa interessou-se fugitivamente pela grève das costureiras da casa Ramiro Leão. O Chiado teve, durante alguns momentos, um aspecto pitoresco e desusado; depois, tudo recaiu na costumada indiferença. Lembro-me, ás vezes, da «Désirée», do «Fromont Jeune», e das pobres costureiras que M.<sup>me</sup> Beecher-Stowe tão bem pinta de quando em quando. Decerto, as imporiosas necessidades dos patrões não podem fundir-se inteiramente nos justos pedidos das obscuras trabalhadoras; por isso mesmo se tornam mais simpaticas. Julgo que em nenhuma outra classe, mais do que n'esta, se encontram rostos palidos, corajosos e sofredores. Mulheres mais felizes vivem em pleno sol e em pleno ar, enquanto aquelas tristes flôres já estioladas antes d'abertas, macilentas, desfalecidas, cozem, cozem sem fim... Profundamente lamentavel — dizem os indiferentes. Ah! Não. Profundamente doloroso.



## Fernando Caldeira

Fernando Caldeira, de quem já poucos falam, como já tão poucos se lembram de Cesario Verde e de Antonio Nobre, reaparece, em um belo successo de livraria. O seu manuscrito do «Sapatinho de Setim» salvou-se da sorte comum a todos os manuscritos e os tres atos deliciosos que ha já tantos anos passaram pelo palco do teatro de Dona Maria, podem, agora, ser lidos por toda a gente. Todos aqueles que mais de perto viveram com Fernando Caldeira poderão falar do seu nobre lirismo, das modalidades variadissimas do seu belo espirito de poeta; mas os leitores, que apenas o conhecem atravez da «Madrugada» e da «Mantilha de Renda», esses, dão-lhe singelamente a sua admiración eternecida e pensam, sem duvida, como eu pensei ao lêr a ultima pagina do «Sapatinho de Setim», que a mão para todo o sempre gelada que escreveu aqueles tres atos, não tornará, infelizmente, a escrever outros, nunca mais, — jámais.



MARIO DE ALMEIDA.

(Illustrações de Manuel Gustavo).



A declaração da guerra viera surpreender Carlos já nas fileiras, cheio de exaltação, de entusiasmos patrióticos. Tinha nascido n'uma cidade do norte da França e era um belo rapaz, forte, masculino, viril, com as qualidades de inteligência e de espírito da sua raça subtilizada, afinada por uma civilização de séculos. Como todos os francezes, pensava dolorosamente na Alsacia e na Lorena escravizadas, jungidas á disciplina alemã, mas não deixando nunca de amar na França distante — de amar a alma d'essa nacionalidade, o seu genio maravilhoso, capaz de iluminar as mais densas nebulosidades e que tem dado ao mundo uma consciencia moral. Carlos, revivendo em horas de meditação a epopéa napoleonica, lembrou os dias gloriosos em que a aguião do Imperio batia as azas olimpicamente ao sol da victoria e em que a «Grande Armée» cruzava a Europa em todos os sentidos, de triunfo em triunfo, conduzida por um poder invencivel. Se se concentrava, fechando os olhos para que fosse mais profundo o seu recolhimento interior, via com nitidez as bandeiras dos regimentos ondejando, fluuando ao vento sonoro, atraz das cavalgadas esplendidas e das fanfarras marciaes, aclamada pelos proprios povos vencidos que saudavam ardentemente Bonaparte e corriam a juncarlhe de flôres o caminho. E'ra magnifica, éra de esplendor incomparavel! Então, a França, saída da Revolução para os seus novos e luminosos destinos, dominava toda a Europa, impunha a lei e o ritmo ás sociedades, e com a sua coruscante, relampejante espada vencedora em cem batalhas, ia talhando as dilatadas fronteiras de um Imperio tão vasto como o romano. Como as de Julio Cesar, as legiões de Napoleão estendiam incessantemente a conquista: — e Paris, como outr'ora Roma, era na verdade a capital da Humanidade pensante! Estas deslumbrantes visões de grandeza apareciam a Carlos na doçura d'um crepusculo de ouro, ganhando maior relevo na doçura da luz espirante — luz impregnada de vago, de sonho...

Recordando sempre, evocava o drama de 1870, as dôres, as miserias, as angustias do Ano Terivel, a florida terra de França invadida pelas hostes germanicas, a sua patria mutilada pelo sabre prussiano, Paris cercada e bombardeada, as fomes, os incendios da Comuna, Napoleão III prisioneiro na Alemanha, uma paz humilhante

que os seus compatriotas tiveram de aceitar, a nação ferida no flanco, o seu poderio militar quasi destruido. N'estes instantes, caia em funda tristeza. O orgulho melindrado fazia-o sofrer: — e, para consolar-se, lia certas paginas épicas de Maurice Barrés, que é o representante d'um povo que durante quarenta e tres anos continuamente cogitou na «révanche», devorava o lirismo inflamado de Paul Déroulède, que mostrava em nervosas ondulantes estrotes, aos heroes futuros, a estrada que havia de levar-os a Metz, para repoussarem á sombra dos parques da cidade reconquistada e restituída á França, recitando os poemas de Vitor Hugo com os olhos fitos nas claras e maravilhosas aguas do Rheno.

— A hora da libertação ha de chegar! — murmurava ele.

Desde os bancos da escola, Carlos fôra sempre um «révanchard» intransigente. Quando na Sorbonne fazia o seu amavel curso de direito, era um dos que se punham á frente dos seus camaradas para ir poisar uma corôa de rosas no plinto da estatua de Strasburgo. Por isso mesmo odiava Jules Ferry, o politico ousado que tanto trabalhou para realizar a aproximação da Alemanha e da França — sem o conseguir, porque a amarga lembrança da Alsacia anexada não se dissipava no puro sentimento gauléz.

— Enquanto a terra alsaciana não voltar para nós, a aliança dos dois povos antagonicos é impossivel e será um crime! — gritava ele pelas cervejarias do Bairro Latino para os camaradas, fumando e discutindo á roda dos copos de cerveja.

E a eloquencia das suas palavras, a sinceridade das suas afirmações, a sua fé de patriota, chocavam os mais indiferentes e frios.

— Notem — acrescentava Carlos — que eu não desejo que a Alemanha nos devolva pacificamente a Alsacia. Não! De modo nenhum. Se a aceitassemos por esta fórma, ficaríamos desonrados. A Alsacia foi-nos arrebatada pela luta. E' pela luta que d'ela devemos apoderar-nos...

Concluidos os estudos, regressou á sua cidade provinciana, vibrante de mocidade, de energia, de generosos idealismos. Ah! a guerra com o imperio central que ha um seculo, ha mais tempo, era o inimigo irreconciliavel da França! Como ele amava essa fulgurante guerra, que de certo regaria o chão de torrentes de sangue mas

que inevitavelmente apagaría uma negra macula nas brancas paginas de marmore da Historia Franca! Que viesse imediatamente. Carlos seria um dos primeiros a alistar-se, correndo para a unidade a que pertencia e pedindo clamorosamente uma arma.

Os que a todo o transe queriam evitar um conflito que estalaria mais tarde ou mais cedo, deixavam-se vencer por um sentimentalismo que lhes conturbava as nitidas faculdades do raciocinio. Desenhava-as com sarcasmo, por esta fraqueza. Para Carlos, a guerra não tinha o horror que oferece a certas naturezas languidas, frageis, femininas, d'uma doentia bondade. Os homens nasceram para o combate. A existencia é

mais tarde, como n'um milagre, as flores e as fartas searas onde amadureceria o pão para a boca.

As durezas, as crueldades dos combates contribuiriam para corrigir e purificar a coletividade onde o vicio medra como mediam, nos troncos das arvores, os musgos parasitários.

— Que essa guerra que muitos consideram atroz e que eu julgo emancipadora, se não demore! — exclamava Carlos, desvairado e febril quando, com outros, discutia a politica da França.

Ao vel-a, finalmente, torna-se inevitavel rejubililar. As negociações das chancelarias europeas haviam chegado a um ponto irreduzível que nemhumas esperanças dava já aos timoratos. A



uma constante batalha, em que só triunfam os mais dextros, os mais notaveis, os dotados de maior vontade e de nobilitantes dons de ação. Os povos que se entregavam ás inercias egoistas d'uma paz perfeita perdiam todas as virtudes e todas as aptidões. As peijas, em que se matava com furia implacavel e em que se morria com altivez, transformavam-se em inexgotaveis fontes de solidariedade e de heroísmo.

Os morticinios, as carnificinas, renovavam os paizes, rasgavam horizontes novos á sua atividades e aos seus ideaes, rejuvenesciam, criavam dons esplendidos. Das ruinas resultantes dos bombardeamentos de cidades e aldeias, dos incendios, da terra revolvida pelas trincheiras e pelos furacões de ferro e de fogo, surgiam

França, para não ser colhida de surpresa, lançou a ordem de mobilisação geral e Carlos partiu com uma confiança absoluta na sorte da sua nacionalidade. Atraz de si ficava, com efeito, alguma coisa que lhe era profundamente querida e para quem ia tecendo, de luar e ouro, um porvir de graça, de ilusão e de ternura. Carlos, com efeito, estava noivo, não tardaria a casar-se, a estabelecer um lar, a concorrer, com a unidade da familia, para a unidade da França. Este amor era, para ele, a sua maior felicidade presente, pela porção de idealidade, de mocidade, de sonho que anunciava ao seu sentimento. E eis que talvez fosse para a guerra perder tudo, mesmo a vida exposta a ser cortada, de repente, por uma bala inimiga, por um estilhaço de granada. O

coração apertava-se-lhe de desespero: — mas o deliquio foi de curta duração. Reagindo contra o desfalecimento momentâneo, readquiriu, rapidamente, a sua coragem serena, a sua firmeza, a sua crença.

— Havemos de vencer! — exclamava ele.

Sim! Iria morrer muita gente, toda uma primavera humana em flor. Seriam ceifados seres que eram portadores d'um verbo inédito, d'uma poesia incomparável, d'uma arte incorrutível e alumiada de beleza eterna. Quem sabia se a morte o pouparia a ele, no fragor, no tumulto das batalhas exterminadoras? Parecia-lhe porém que pensar n'isso representava uma cobardia. Todos os que tombassem inanimados significariam alguma coisa mais alta e mais gloriosa do que o amor, do que a arte, do que a poesia. Os mortos seriam, com efeito, os obreiros inolvidáveis e proteicos de uma outra França; e, ainda de baixo da leira mostrariam aos francezes os seus elevados dotes criadores.

A separação da noiva doía-lhe muito: mas, os egoísmos, n'aquela minuto terrível em que a patria estava em perigo e para ele apelava, eram monstruosos.

— Quantas outras ficarão sem noivos, quantas mulheres nunca mais tornarão a ver os maridos, quantas crianças trocarão o ultimo beijo com os paes, quantas mães apertarão contra o peito, pela derradeira vez, os filhos adorados! — bradava ele.

E foi sob a influencia d'estas idéas em que respaldencia um nobre principio de egualdade perante o infortunio coletivo, de abnegação e de sacrificio, que Carlos entrou em fogo certo dia, ao alvarar da manhã, na fronteira.

O recontro adquiriu um aspéto tremendo desde os primeiros tiros. O estrondo das descargas de fuzilaria e da explosão dos obuzes enlouquecia os soldados que, todavia, não recuavam um palmo. As granadas vinham de longe, uivando, ululando, riscando traços luminosos no ar translucido, abatendo-se sobre as trincheiras e rebentando com pavorosa violencia. Carlos, raivosamente, disparava a sua espingarda, visando os adversarios.

A' sua volta já havia cadaveres com largas brechas rasgadas no peito, já havia feridos erguendo as mãos suplicantes e pedindo em voz debil que lhes acudissem. Carlos nada via, nada ouvia. Alucinado, n'um desvairement, batia-se com crescente ousadia, ofertando-se sem receio á pontaria dos contrarios. De quando em quando a carga de um morteiro estalava perto d'ele, dispersando para todos os lados pedaços de carne sangrenta, membros cortados, intestinos, cabeças. O sangue espirrava e caía como uma neblina vermelha, na cara, nas mãos, na roupa dos combatentes. No entanto os seus companheiros mantiveram-se firmemente até que receberam ordem de retirar para um sitio que lhes era designado.

Outras batalhas se feriram. Os alemães

avanzavam constantemente, calcando o solo francez entoando a «Gua-da do Reno» a plenos pulmões. Joffre recuava com placidez, com sangue frio, com metodo, porque este recuo estava previsto no seu plano; mas Carlos enraivecia-se. Oh! como ele julgava facil a victoria, quando outr'ora sobre ela divagava com os condiscipulos!

O exercito germanico seria derrotado nas primeiras pugnas, porque os francezes tinham duas provincias a redimir de escravidões e um ultrage a vingar! Observava agora que se iludira! Os soldados da França abandonaram sucessivamente o territorio aos invasores, ó desalento, ó colera, ó vingança! E uma outra emoção o pungia acerbamente! A cidade em que vivera e onde vivia tambem a sua noiva, já estava na posse das hostes tautonicas. Este desastre irritava-o até á loucura e fazia-o sofrer amargamente. Que teria succedido á candida mulher que queria para sua esposa, para sua companheira de contentamentos e de aflições, para mãe encantadora e sagrada dos seus filhos? Escaparia ela á violação, á perseguição, aos padecimentos da fuga?

Sobretudo, o que mais cruel agitação lhe causava era a suspeita de que algum soldado tudesco, grosseiro e sensual, a brutalisasse, maculando o seu corpo virginal, manchando de impurezas a sua carne de adolescente...

E os francezes retiravam sempre, recusando uma batalha em que se decidiria a sua fortuna e a fortuna da França.

— Meu capitão — bradava Carlos — esta retirada infatigável é uma veigonha. Vamos para os alemães.

— Não! Não chegou ainda o momento. O genio militar de Joffre vela por nós. Quando ele mandar, então saberemos morrer ou vencer.

— Venceremos! — afirmou Carlos.

O exercito francez concentrou-se nas linhas do Marne, dispondo-se para a luta. Joffre mandára dizer ás tropas:

— Soldados da França, agora é necessario avançar a todo o transe, sem medo á morte e sem ceder ao adversario uma polegada de terreno. Para a frente!

— Para a frente! — bradou Carlos.

Então, diante da acometida do «piou-piou», que os germanicos consideravam já incapaz de resistencia e de ataques, os invasores tiveram de recuar por sua vez, depois de uma gigantesca mortandade. Vilas e povoações por eles conquistadas sem esforço foram reocupadas pela França até ao Aisne, os alemães debandaram desordenadamente, para aí se fortificarem. Quando Carlos pde reentrar na sua cidade, correu logo a casa da noiva. Estava salva. Os inimigos da sua patria haviam-n'a respeitado. Abraçando-se a ela, exclamou:

— Apareces-me n'este instante como o simbolo da França! Encontrei-te! A nossa nacionalidade encontrará tambem o caminho do triunfo!...



JOÃO GRAVE.

## Nos heroes de Naulila

Foi imponentissima a sessão realizada no Coliseu da rua da Palma em honra dos heroicos militares que tomaram parte no combate de Naulila contra os alemães. A vasta sala do Coliseu regorgitava de pessoas que em unisonos e vibrantes vivas á Patria e á Republica, vitoriarriam febrilmente alguns d'esses heroes que á sessão assistiam. O sr.

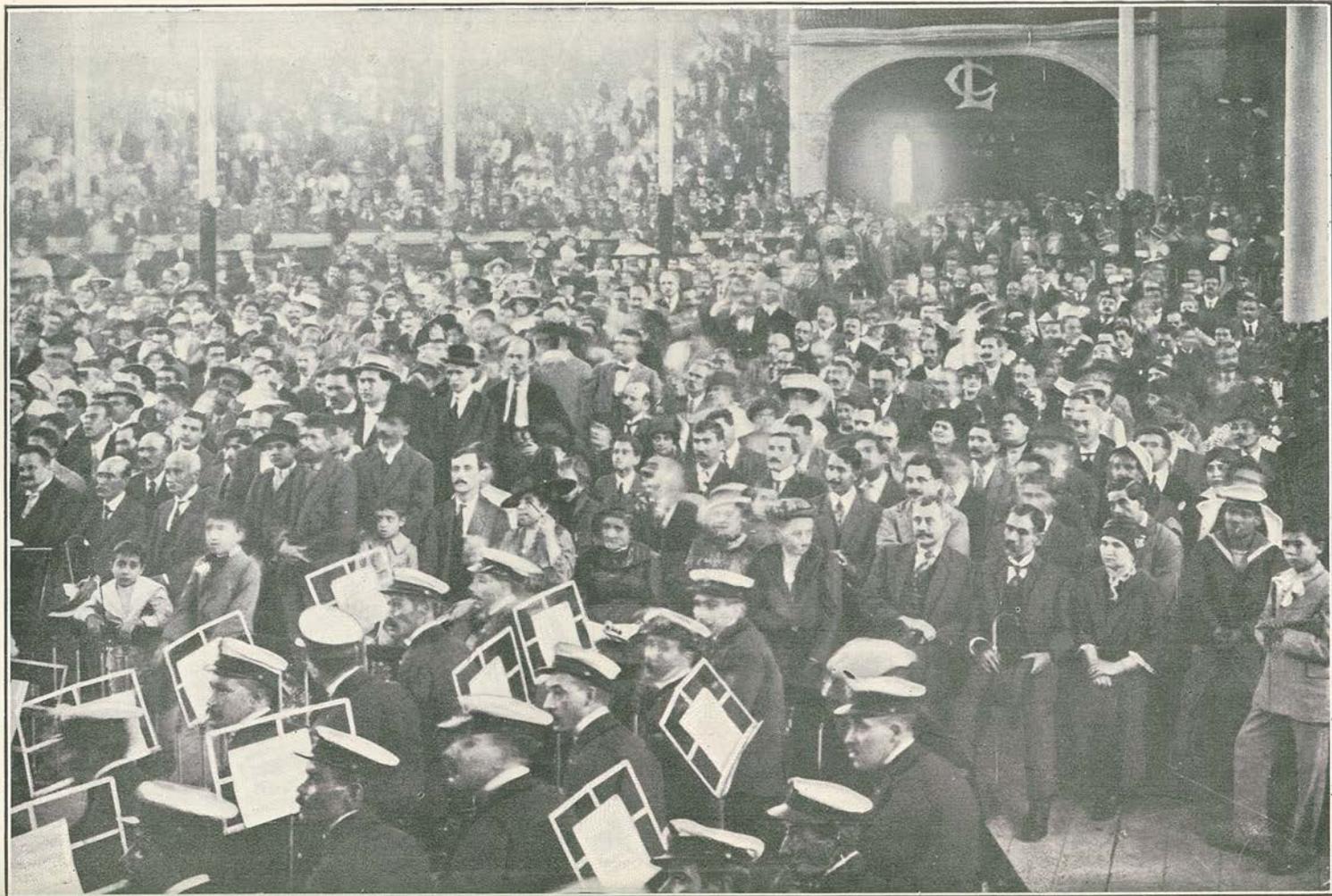


O capitão sr. Tavares de Carvalho saudando os expedicionarios na festa de homenagem realizada no Coliseu de Lisboa

Leote do Rego, comandante da divisão naval, produziu um discurso que foi uma apoteose para esses bravos soldados e um brado patriótico para que Portugal cumpra com o seu dever participando na grande guerra ao lado dos que combatem contra as selvajarias dos alemães, que os portugueses, infelizmente, já conhecem. Outros oradores discursaram sendo freneticamente aplaudidos.



No Coliseu de Lisboa: A presidencia da festa em homenagem aos heroes de Naulila a que assistiram os tenentes srs. Marques e Andrade e algumas praças—(Cléthes Lenoliel)



No. 104. Concert de Música. — Vista de asistencia á sesión celebrada en honor dos heróis de Nausica, (c. 1910).



## O LUAR

*Envolvendo-a no fogo d'um olhar,  
Jurou amor á Lua o Sol ardente;  
Quando ela se inclinava docemente  
Sobre o leito fantastico do Mar.*

*A Lua, que o amava, sem córar  
Sorindo o contemplou; tão ternamente  
Que, d'esse volver d'olhos, de repente,  
Nasceu, formoso e limpido, o Luar!*

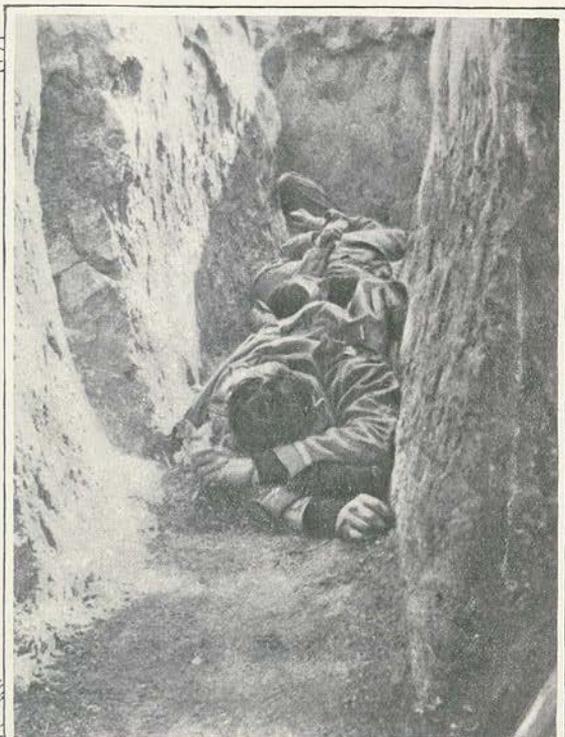
*A palidez e a triste suavidade  
Dolente como um beijo de saudade,  
Herdou este da Lua tão formosa;*

*Mas é do pae, o lindo Sol doirado,  
O seu fulgente brilho prateado  
Que torna a noite escura radiosa!*

*Esmeralda de Santiago.*

# O VELHO MUNDO EM GUERRA

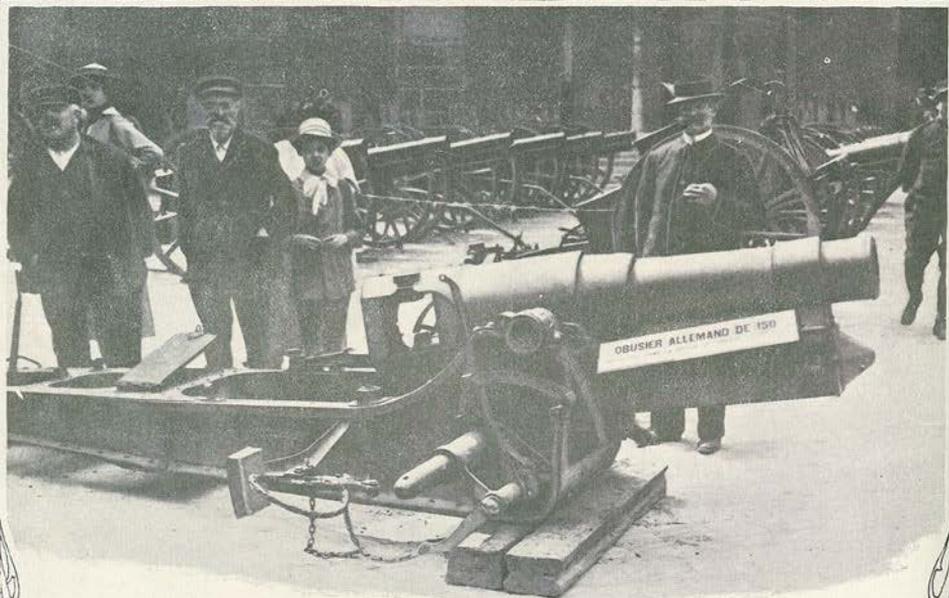
O Japão acaba de se declarar francamente a favor dos aliados. Como a questão de munições é a que os está preocupando mais, sobretudo quanto à Rússia, o florescente império japonês prontifica-se a fornecer-lhe as que lhe fôrem necessárias. Inglaterra e França, graças ao elevado tino dos seus governos e ao espirito patriótico dos seus povos, conseguiram em cerca de tres mezes reorganisar o seu fabrico de munições de tal fôrma que as tem de sobra para dispensar á sua grande aliada; mas, sem se abrir passagem pelos Dardanelos, não ha



facilidade no transporte.

Evidentemente nos ultimos revezes dos rusos reflete-se a falta de munições. Que importa o arrojô dos seus soldados, o seu numero, o entusiasmo com que eles se batem contra a ambição brutal dos austro-alemães, se lhes faltam armas e — ainda muito mais — as respetivas munições?

Por isso a resolução do governo japonéz foi recebida com alvoroço, e ainda mais a que é telegrafada agora de mandar 90:000 homens para a Polonia, sob o comando do valente general Nogi, uma verdadeira gloria militar.



1. **Artois.** — Aspetto de uma trincheira alemã tomada pelos francezes depois de um renhido combate. (Cliche Chauveau-Fliviens).
2. **Nos Invalidos.** — Um obuz alemão de 150 tomado pelos francezes nos arredores de Verdun. (Cliche Branger).



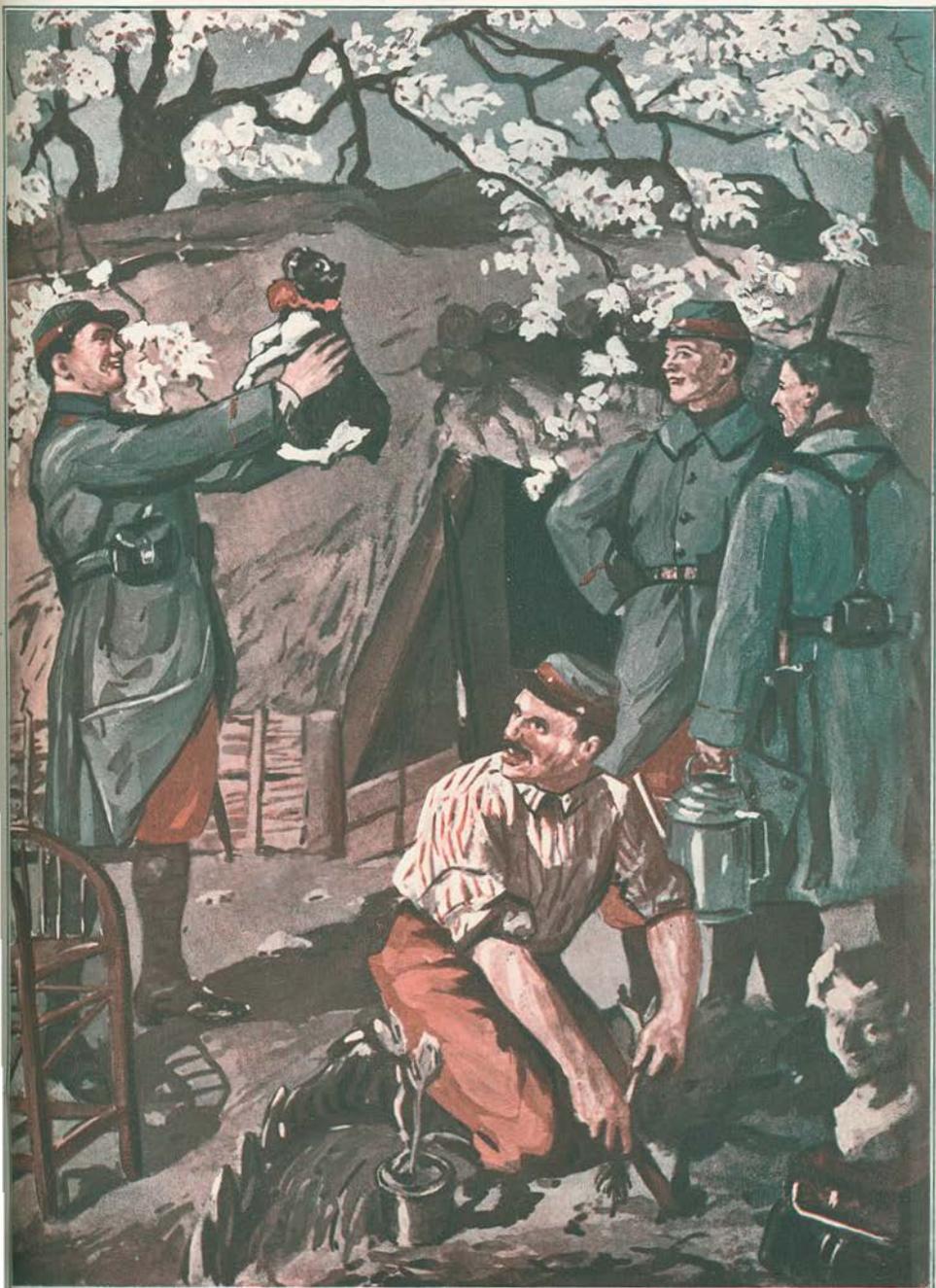
## COMO SE DESVIA A ATENÇÃO DO INIMIGO



Um valente oficial da Nova Zelândia, agregado aos «Inniskilling Fusiliers», em luta nos Dardanelos, viu-se na absoluta necessidade de desviar a atenção dos turcos para que os seus soldados, arrastando-se, conseguissem apossar-se das comunicações com a sua trincheira, ocupada pelos turcos. Lembra-se de um extre-

mo recurso: Pega em meia dúzia de bombas, lança-as a uma e uma sobre o inimigo, que o alveja com muitos tiros sem o ferir; a última rebenta-lhe perto da mão esfacelando-a, mas no meio do alvoroço produzido pelas detonações os soldados passam e conseguem a vitória.

(The Illustrated London News).



O JARDIM DAS TRINCHERAS

(Desenho de Lucien Jonas, da Illustrated London News).



1. Um grupo de austriacos aprisionados pelos italianos em Carso.—2. *Em Artois*.—Aspetto de uma trincheira alemã tomada pelos franceses, vendo-se muitos despojos e cadáveres dos inimigos.—(Cliché Chausseau-Flaviens).—3. Um grupo de ciclistas *bersaglieri* atravessando um rio a vau.

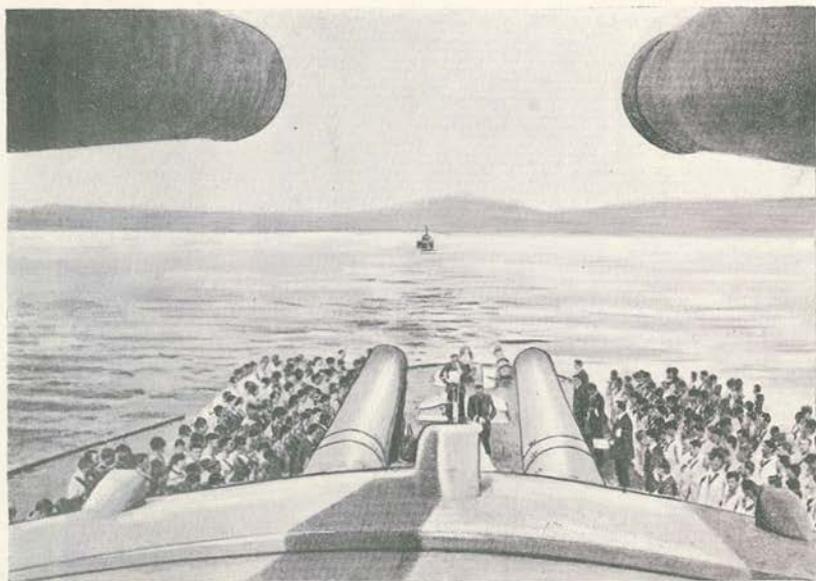


*Em Onde Capele.* — Um oficial francez prestando homenagem a um Cristo mutilado pelo bombardeamento dos alemães.

(Atché Chausseau-Flaviens).



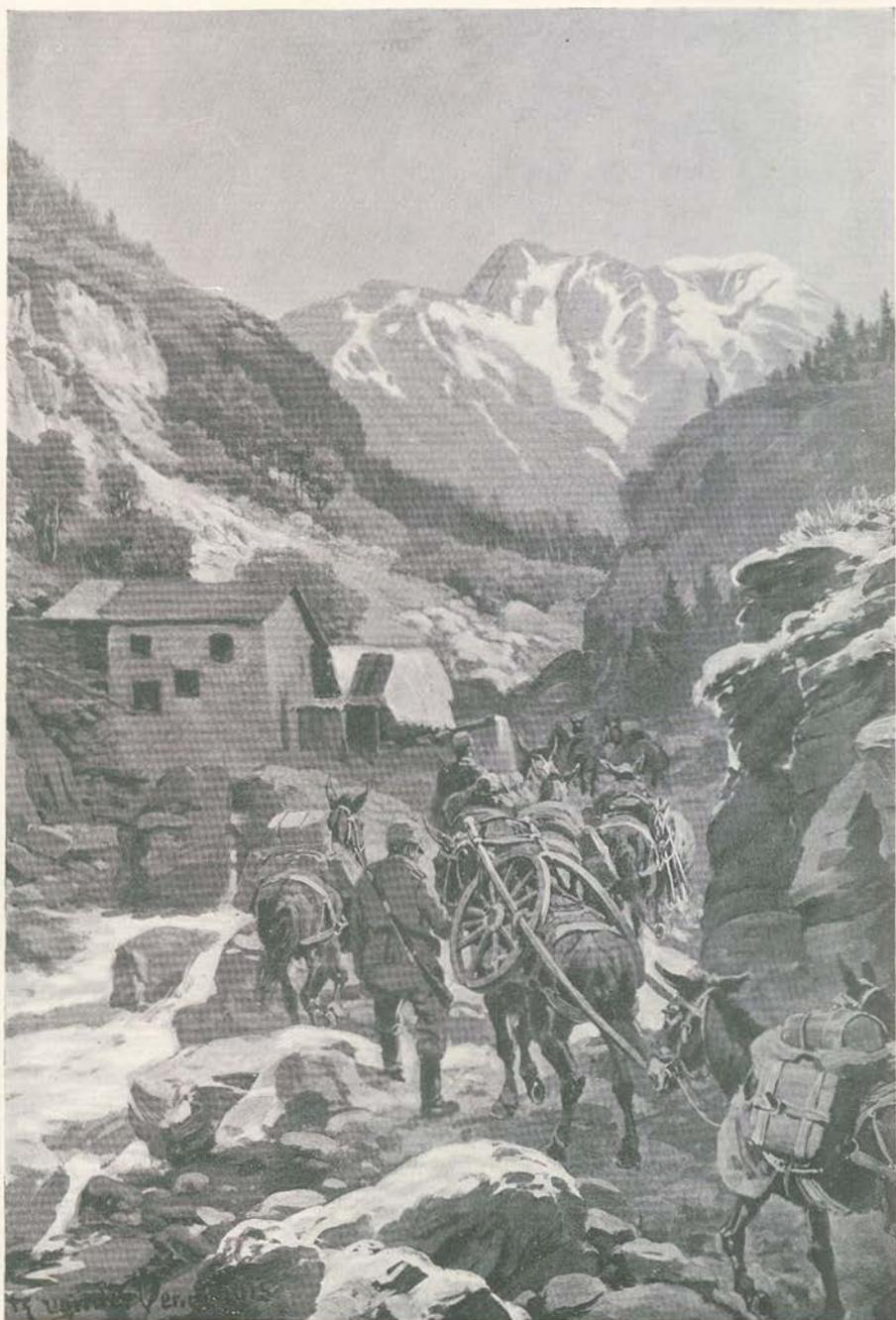
*Em Borgoratti (S. Martino d'Albaro).* — Oficiais italianos feridos tratados pelas damas da Cruz Vermelha.



Cerimnia religiosa a bordo do *Queen Elisabeth*. No alto vêm-se as bocas dos canhões de 16 polegadas.



Honras funebres prestadas a um oficial austriaco pelos italianos



Os austro-húngaros fazem os seus transportes de munições através das montanhas com mais dificuldades do que os alemães



*Entre a Itália e a Austria:—* Lutando entre os abismos dos Alpes

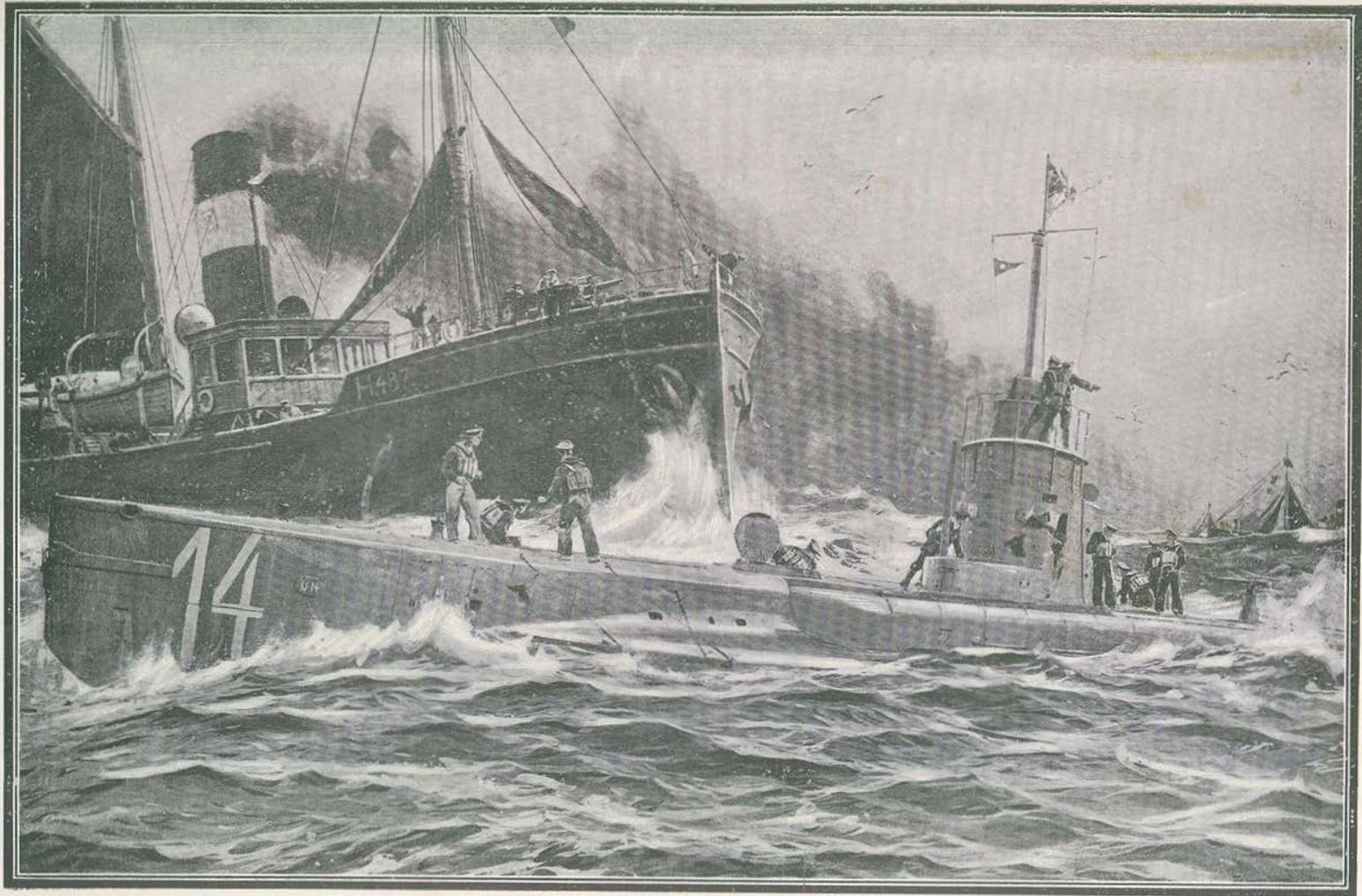
(Desenho de F. Matania, da «Sphère».)



*Nos Dardanelos.*—Um refeitório subterrâneo dos oficiais aliados tendo comunicação com as trincheiras.



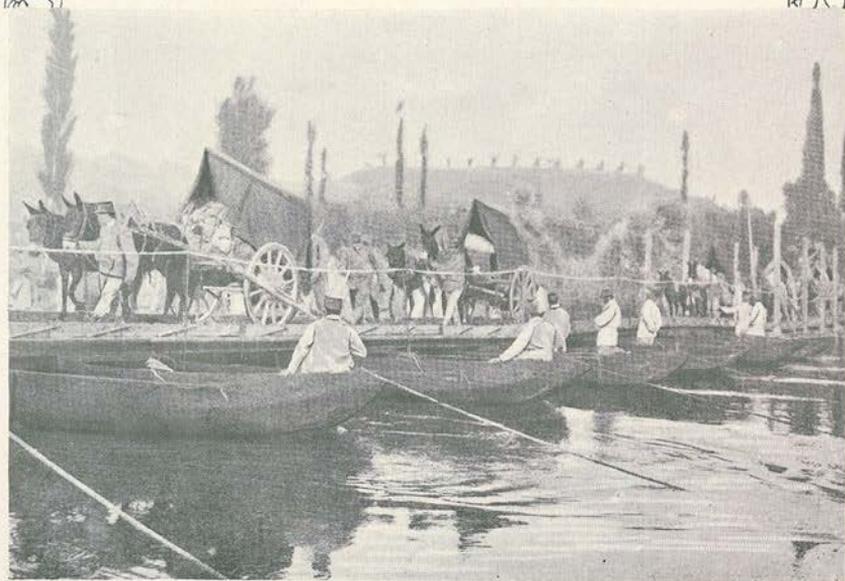
A bordo de um *destroyer* inglês vigiam-se os submarinos, estando um marinheiro munido de um aparelho telefonico para receber e transmitir ordens.



Por uma habil manobra, um navio de pesca inglês, detido pelo submarino alemão *U-14*, abalroa com este e mete-o no fundo



A construção de pontes sobre os rios é um dos trabalhos que mais retardam as marchas das tropas. Para obviar a esse contratempo, inventaram-se uns barcos, como se vêem n'esta estampa, facilmente transportáveis com o auxílio das rodas de que são dotados.



Um comboio de munições italiano passando sobre uma ponte de barcos





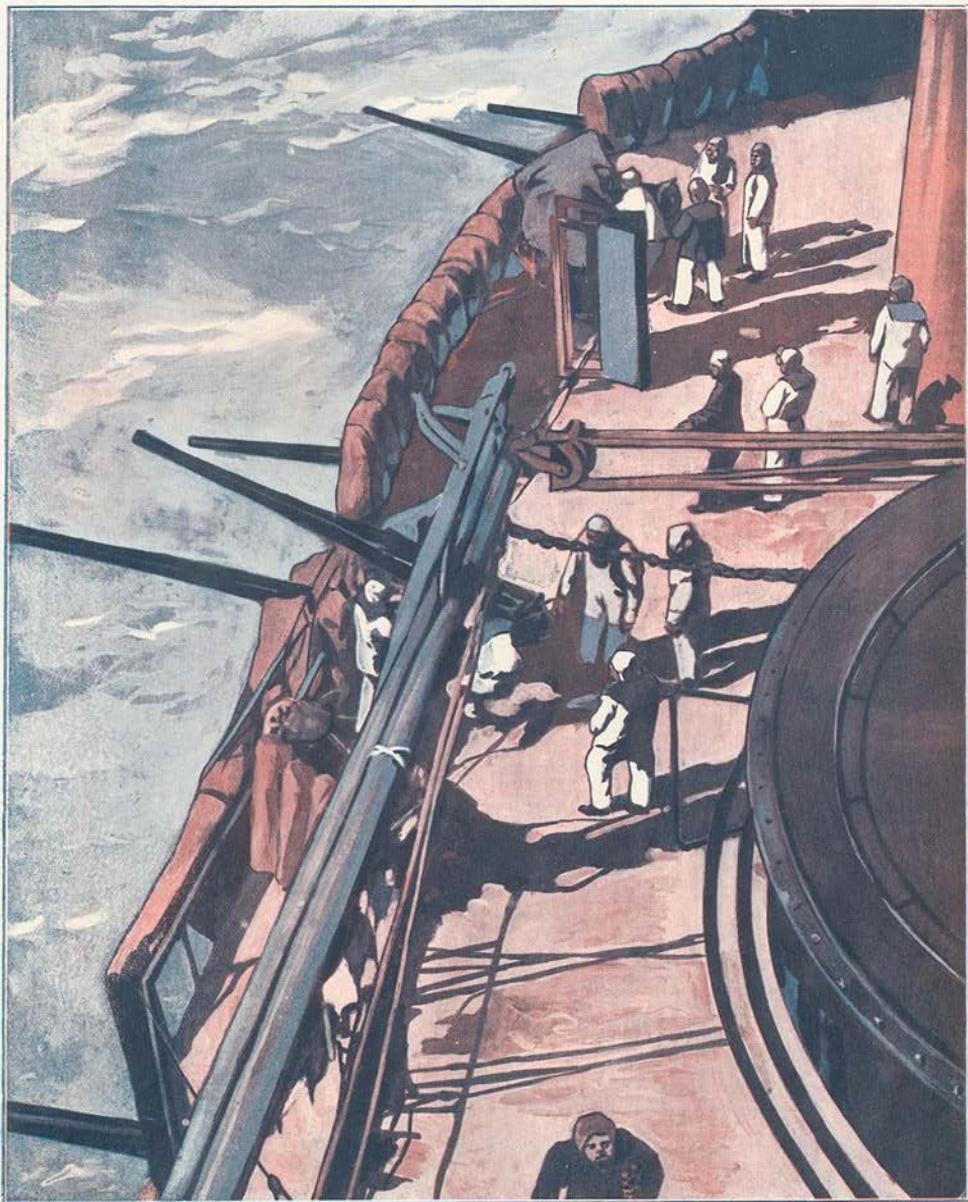
O ATAQUE A UM ZEPPELIN DURANTE A NOITE

A bomba usada para descobrir de noite a especie de força aerea que ataca, explode com cor vermelha e deixa atraz de si um rasto de centelhas tambem encarnadas.

(Desenho de Charles Peaus).



1. e 2. Prisioneiros boches; 3. Soldado francez convallescente em Paris; 4. Caçador alpino; 5. Um glorioso invalido.  
(Croquis do correspondente artistico da *Ilustração Portuguesa*, sr. Ferreira da Costa).



No tombadilho superior protegido pelas camas dos marinheiros, do navio francez "Charlemagne", durante o bombardeamento dos fortes dos Dardanelos.

# CONGRESSO REGIONAL ALGARVIO

São dignos de louvor os esforços empregados pela comissão que promoveu o Congresso Regional Algarvio.

De todo o seu trabalho, orientado nas melhores disposições de engrandecer a linda provincia, ha de certamente sair a forma mais simples e pratica de fomentar ainda mais as suas industrias e a sua agricultura, que já hoje são prosperas e contribuem imenso para a riqueza nacional, mas podem contribuir muito mais, progredindo a provincia na proporção do desenvolvimento que os congressistas esperam se realise, não só pelo proprio esforço da sua população, mas pelo auxilio dos governos que não podem dei-

xar de atender as justas aspirações dos algarvios.

Nas theses elaboradas por homens conhecedores das necessidades locais, trata-se de todos os assuntos de que depende o engrandecimento da encantadora e pitoresca região algarvia, uma das mais belas de Portugal, e que tão celebrada é não só pelos produtos variados e preciosos que o seu fértil solo produz como pelas magnificas praias que possui, de que se destaca a formosíssima na Praia da Rocha, e pelas especies do saboroso pescado que povoa as suas costas e de que se faz uma larga exportação para o estrangeiro.



1. O sr. Antonio Cabreira, presidente do Congresso Algarvio—2. O sr. Jaime de Padua Franco, secretario geral—3. O sr. Jacinto da Cunha Parreira, secretario—4. O sr. Fernando da Silva David, secretario—5. O sr. Mateus Martins Moreno, secretario—6. O sr. dr. Carrasco Guerra, vogal—

7. O engenheiro sr. Aboim Inglez, vogal—8. O sr. dr. Agostinho Lucio da Silva, vogal—9. O sr. dr. Albert Madeira, vogal—10. O sr. Antonio Judice Magalhães Barros, vogal—11. O sr. José Parreira, vogal—12. O engenheiro sr. Anibal Lucio d'Azevedo, vogal.



Faro do Cabo de S. Vicente

## Grandes festas na Regoa

Brilhanismo da exposição regional

Foram imponentes as festas do Socorro realizadas na Regoa nos dias 14, 15 e 16 do corrente, tendo concorrido mais de 25.000 forasteiros de todos os pontos da região duriense.

O tempo esplendido e o ano de excepcional abundância na produção de vinhos, tudo isso favoreceu o brilhanismo das festas da Regoa.

A parte mais importante foi o belo certamen que se organizou em pavilhões regionaes, destinados á exposição de vinhos generosos e de pasto do Douro e á exposição de frutos, onde se exhibiram verdadeiros primores.

O pavilhão principal, destinado á exposição pomologica, occupava uma area de 200 metros quadrados de terreno na alameda Teofilo Braga.

Foi interessantissima, pela variedade e qualida-

de dos exemplares expostos, esta parte da exposição. Ficou bem evidenciado que a região duriense não tem sómente o privilegio dos vinhos generosos de primeira categoria; os seus frutos são também admiráveis, oferecendo aos agricultores do Douro um

novo e importante ramo agricola a explorar para o aumento da sua riqueza. A comissão agronomica classificou e admirou verdadeiros primores em uvas, peras, maçãs, pecegos, ameixas que podem collocar-se a par dos melhores productos que apparecem nas exposições do estrangeiro.

O desenvolvimento dos frutos, o seu grau sacarino e a sua bela apresentação provam á evidencia que a pomologia no Douro encontra-se já hoje n'uma fase de desenvolvimento verdadeiramente notavel.

\* Além do pavilhão regional ha a mencionar,



1. A mis-ão agrcnmica do ministerio do fomento e alguns membros da comissão dos festejos. Da esquerda para a direita os srs. Agostinho Correia Pereira, Joaquim Manuel Santos Garcia, Caetano de Sousa (arrotecnico), João da Camara Pestana, Julio Anís s. dr. Bernardino Zagalo, ◊ e devotado promotor das festas, J. Francisco Grilo, João Inacio Teixeira Menezes Pimentel, Francisco Pereira Coutinho e Moura Pegado—2. Instalação nos trabalhos de tanoaria das oficinas do sr. Afonso Lourenço d'Almeida—3. Instalação dos adubos quimicos da casa Herold & C.\*

pelo seu destaque e valor dos produtos expostos, o pavilhão especial da importante casa Ferreirinha, da Regoa, tornando-se digna de especial menção a valiosa coleção de uvas selecionadas das principais castas do Alto e Baixo Douro, devidamente classificadas, trabalho este que muito honra o distinto regente agrícola sr. José Bernardo Junior, ativo e inteligente administrador rural da casa Ferreirinha, do Douro.

No pavilhão principal ocupava um lugar de destaque a Companhia Vinícola, do Porto, com as suas belas coleções de frutos pomícolas e material de apicultura.

Na alameda Teófilo Braga ha a mencionar ainda as instalações artisticas com a exposição de adubos quimicos elementares e completos das casas O. Herold & C.<sup>o</sup>, Abecassis, Irmãos & C.<sup>o</sup> e Companhia União Fabril.

A secção de labores femininos e a coleção de aves embalsamadas e de insetos devidamente classificadas, era a mais interessante instalação feita n'uma sala da Camara Municipal da Regoa. A coleção de aves do Douro apresentada pela sr.<sup>a</sup> D. Josefina Soares Santos e muito valiosa,

sendo geraes os louvores áqueia distinta senhora pelo trabalho a que se tem dedicado.

As coleções de insetos apresentadas pelo distinto naturalista José Maximiano Correia de Barros são dignas de figurar n'um museu nacional. Só em coleopteros reuniu áquele naturalista 16.000 especies!

A exposição de vinhos generosos e de pasto do Douro ocupa uma das dependencias da Camara Municipal.

Apresentaram se vinhos de 100, 75 e 40 anos, autenticados, constituindo verdadeiras especialidades. Os azeites do Douro e de Vilariaçã deram tambem brilho á exposição.

Devemos mencionar ainda como nota importante dos festejos da Regoa, as conferencias feitas na sala nobre da Camara Municipal pelo sr. J. Francisco Grilo sobre o importante problema da «Mutualidade Rural e Credito Agricola» e do engenheiro sr. Caetano de Sousa sobre o fabrico de vinhos de pasto e seus derivados.

O autor do «Mutualismo Rural» conjugado com o «Credito Agricola», des- seu plano de mutualidade,

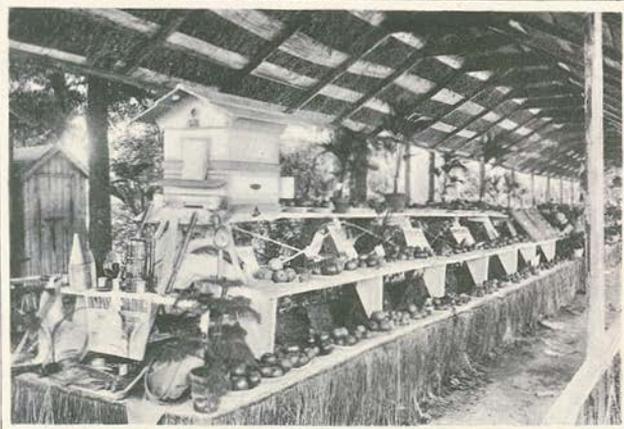


Pavilhão da firma Abecassis & Irmão onde estiveram expostas canas de milho, abóboras gigantes, batatas, cebolas, cachos e outros produtos de terras tratadas com adubos da mesma firma



Vista geral da instalação da casa Ferreirinha, da Regoa

apresentando estatísticas muito interessantes do seu estudo, sendo a sua conferência muito aplaudida pela seleta assistência, constituída na maior parte por viticultores do Douro. O sr. J. Francisco Grilo concluiu por aconselhar a organização de cooperativas agrícolas de com-



Parte do pavilhão destinado á Companhia Horticola Portuense

do constituída pelos srs. João da Camara Pestana, João Inacio Teixeira de Menezes Pimentel, Agostinho Correia Pereira, J. Francisco Grilo, Santos Garcia, Moura Pegado, Julio Anjos e Pereira Coutinho.

Aos esforços do infatigavel dr. Bernardino Zagalo, illustre presiden-



2. Pavilhão da exposição de vinhos generosos do Douro na 3a11 da Camara Municipal da Regoa  
3. Vista geral de um pavilhão de floricultura

pra, venda e produção, de harmonia com a organização da Belgica.

Vae já constituir-se na Regoa uma caixa de credito agricola mutuo.

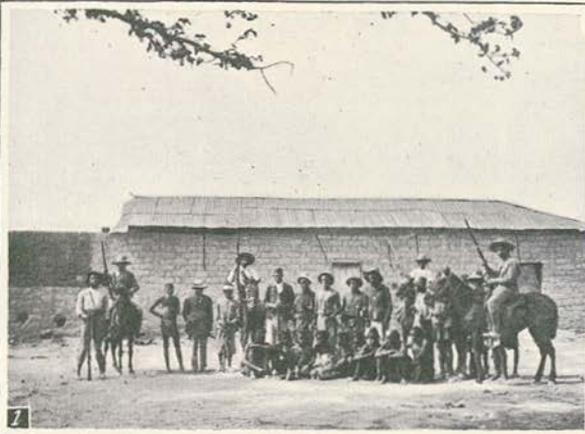
Para dar maior brilho ás festas da Regoa muito contribuiu a comissão agronomica official que ali foi, sen-



Secção da fauna e lavore: n'uma sala da Camara Municipal da Regoa  
(Clichés do fotografô Alves Martins, do Porto)

te da comissão promotora dos festejos e do distinto advogado sr. Antão de Carvalho, presidente da Camara Municipal, se deve em grande parte a imponencia e grandeza da exposição agricola da Regoa e da orientação pratica que o certamen revestiu.

# NO HUMBE



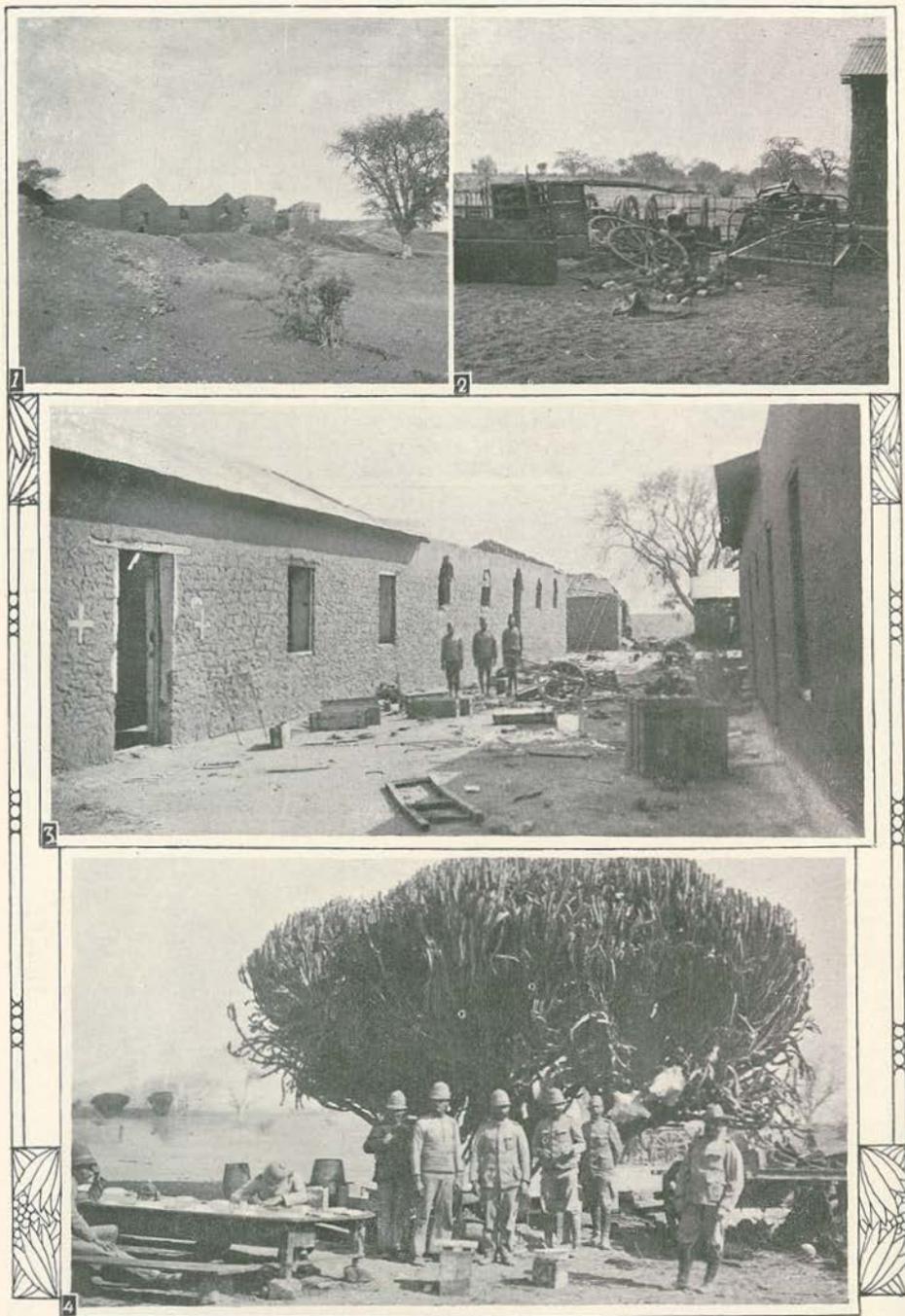
não encontraram estes porque a Inglaterra os subjugou, mas encontraram os indígenas n'uma rebelião que tem custado a debelar.

As últimas notícias recebidas d'aí, porém, dão como vitoriosos em muitos pontos os esforços dos nossos soldados, que hão de conseguir que n'aquela nossa possessão reine em breve o socego que todos desejamos e que tão necessário nos é para que possamos explorar as riquezas do seu solo tão prodigiosamente fértil.

Tem sido afanosa a missão dos nossos soldados no sul da Africa. Os alemães, com os seus processos traiçoeiros, conseguiram amotinar contra a nossa soberania os indígenas do Cuamato, que tem praticado os maiores disturbios, chegando a lançar fogo a estabelecimentos comerciais de portugueses. Estes atrevimentos não tem ficado impunes, graças aos bons serviços prestados pelos nossos valorosos e destemidos soldados, que foram para a Africa a fim de darem combate aos alemães. Já



1. Auxiliares brancos e indígenas com prisioneiros. Ao fundo as ruínas da casa comercial Figueiredo & Santos, destruída pelos indígenas—2, Indígenas da região famintos, e as ruínas da casa comercial A. Luzo, destruída pelo gentio — 3. Metalahdoras da marinha n'um dos flancos do quadrado



1. A entrada do forte do Humbe em ruínas—2. Artigos inutilizados pelos indígenas—3. Interior do forte: Uma das ruas onde se vêem mais destroços produzidos pelo assalto dos indígenas—4. Um cato—(Clichê de um distinto fotógrafo amador, o tenente sr. Pires Balala).

**O professor Ehrlich.** —

Falleceu em Berne o notavel fisiologista alemão Paulo Ehrlich, autor do afamado «606, que tão bons servicos veiu prestar á clinica para debelar a mais perniciosa doenca que afflige a humanidade. O illustre sabio era natural de Strehieu, Silesia, onde nasceu a 14 de março de 1854, contando 61 anos e pouco mais de cinco mezes. Pelos seus estudos professados sobre a cura do cancro o nome de Ehrlich tornou-se universalmente conhecido, sendo respeitados os seus conselhos terapeuticos



O professor Ehrlich

contra os maleficos progressos da terrivel doenca. A sua morte representa uma perda lamentavel para a humanidade, pois muito havia ainda a esperar dos seus grandes conhecimentos scientificos, que o conduziram, talvez, á descoberta do remedio definitivo contra a terrivel sífilis.

Em 1908 foi conferido ao illustre professor o premio Nobel (fisologia e medicina) para dividir com o dr. Metchnikof, do Instituto Pasteur de Paris.



2. O sr. Bonifacio Augusto da Silva, capitão do quadro auxiliar de engenharía e artilharia, falecido em Lisboa.—3. O sr. Desiderio Antonio da Cruz, lito do maestro sr. Luiz Filgueiras, falecido em Lisboa.—4. A sr.<sup>a</sup> D. Leonor da Conceição Moita, vitimada pela tuberculose na idade de 24 anos.—5. O sr. Artur Zeferino, composi-

tor typografico da Imprensa Nacional, falecido em Lisboa.—6. O sr. Jacinto Augusto dos Martires Fabião, pr. proprietario e agricultor em Alparça, onde falleceu.—7. O sr. Eduardo Augusto de Magalhães, tesoureiro de finanças no concelho da Barquinha, falecido ha dias alli.

**Merecida homenagem.**

—A vila de Montemor-o-Novo esteve em festa no dia 30 do mez passado para celebrar as melhoras do inclito cidadão Filipe de Souza Romeiras, comerciante e proprietario estimadissimo pelas suas brilhantes qualidades pessoases, que esteve durante algum tempo enfermo gravemente. Foi a direção da Sociedade Pedrista que promoveu essa



O sr. Filipe de Souza Romeiras.

homenagem merecida a quem tem conseguido destacar-se pela sua bondade, fugindo sempre ás cadeias politicas que a maior parte das vezes aniquilam os mais sãos caracteres. Estimado por todos os seus conterraneos, o sr. Romeiras deve sentir-se satisfeito pela prova que estes lhe deram da simpatia e carinho que lhe dispensam e que aliás é bem merecida.



Alguns socios do Grupo dos Lulitanos Intransigentes de S. Paulo, Brazil, entre os quaes o fiscal, sr. Frederico T. Gomes (1), o secretario sr. Gonçalves Paratudo (2), e o tesoureiro sr. Carlos Fimenta (3), que obtiveram 61 escudos e 20 centavos de uma subscrição aberta entre os seus socios e enviada ao Seculo para d'ela fazer entrega á benemerita Sociedade da Cruz Vermelha.—No medalhão o sr. Antonio Clemente, presidente do mesmo grupo.

## UMA CAÇADA TRAGICA

Cuem sobe pelo Quanza encontra na sua margem direita a fazenda Bom Jesus. Foi ali que se projectou uma caçada em forma de hipopotamos.

Na Africa os divertimentos são poucos e um europeu ainda que pouco inclinado á paixão da caça, tem de se entregar a esse divertimento se não quizer morrer de tédio.

Per isso quando algum se lembrou da caça aos hipopotamos, toda a gente disponível branca e preta tratou de se aparelhar com o respectivo armamento.

Causava riso o ardor com que alguns se preparavam, desde a arma manheira de pedreira até o rifle americano que tomba um leão com balas explosivas; com escala pelas diversas categorias de Remingtons, Martini-Henry, Winchester, etc. tudo appareceu na parada...

O dia amanheceu sufocante. A atmosfera pesava como chumbo. Mas não o pensava assim o fotografo da expedição, porque, al...

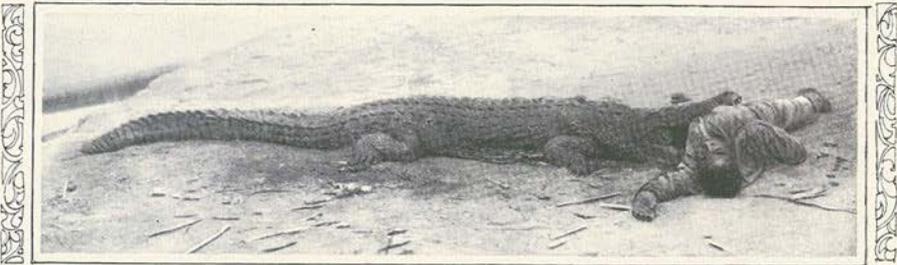
vres opulentas um pouco d'essa sensação de frescura que refrigerava e alenta.

Emquanto uns buscavam abrigo contra os raios de sol que tórresnavam, outros que nunca tinham tubido o Quanza davam pequenos paerecos pelas proximidades afrontando com coragem a atmosfera de fogo. Entre eles ha o infatigavel fotografo, amigo de macacas, aos quaes dedicava excecional carinho.

De repente na praia ouve-se um clamor; repetem-se os gritos de socorro.

Um enorme jacaré arrastava-se pela praia em direcção a um preto estendido sob uma arvore. Gritam-lhe... O sono é profundo. O amfibio está a dois metros. Todos se armam. Os corações batem de encontro ao peito, n'uma angustia intraduzivel e dolorosa.

Um preto, bom atirador, mete a arma á cara e desfecha. O jacaré foi ferido mas, n'um salto arremessa-se contra o pobre



...e recuando puxa-o para o rio

de uma espingarda-metralhadora que levava ás costas n'uma attitude guerreira que fazia presumir uma hecatombe de quantos cavalos marinhos apparecessem no Quanza carregava com uma maquina fotografica, o melhor que tem apparecido n'aquelles sertoes.

O vapor subia ás 7 da manhã pelo Quanza e todos, ardendo em impaciencia, esperavam, de dedo no gatilho, que apparecesse a primeira vitima.

Creio que a bicharia, no fundo do rio, desconfiou das intenções dos visitantes por isso que nem sequer heuve um só atrevido que mostrasse a ponta do seu ruim facinho.

A bordo já tinha esfriado o ardor belicoso, transformando-se n'uma vontade enorme de almoçar, e, se a coragem de caçador não tinha sido empregada na pugna cinegetica, em compensação desforrou se n'um ataque tremendo ás vitualhas.

Foi necessario desembarcar para ir procurar debaixo das ar-

preto, fila-o com as agudas prezas e, recuando, puxa-o para o rio.

O infeliz debate-se horrivelmente. Todos atiram sobre o animal; mas a posição é terrivel, porque se recejava atingir o pobre preto.

O capitão Rebelo, então, aponta a sua espingarda e consegue matar instantaneamente o feroz habitante das aguas metendo-lhe duas balas no olho direito.

Todos correm ansiosos para ele mas o pobre africano, o pobre preto, que já estava agonizante, morre.

No meio da tragedia ha porém, quem não perca o sangue frio; é o fotografo que, a despeito de tudo, não crdem para que não tirem o desgraçado da boca do jacaré e diz com toda a fleuma — Deixem-me apanhar este flagrantel

E, serenamente destapa a objetiva e colhe a tragedia...

J. Costa

**Dr. Ricardo Jorge.**— O distinto medico e insigne professor sr. dr. Ricardo Jorge, n'um folheto editado pela Sociedade de Ciencias Medicas, responde com a maior energia e altivamente a uma revista alemã que se permitiu censurar as suas idéas ácerca da guerra que a Alemanha tão imprudentemente provocou.



Dr. Ricardo Jorge



Dr. Carlos Rey Leitão

**Novo medico.**—Perante a Faculdade de Medicina de Lisboa defendeu brillantemente tese sobre o *Alcoolismo* o sr. dr. Carlos Rey Leitão, que, aos seus dotes de intelligencia comprovados como estudante, alia primorosas qualidades de caracter. O novel medico estabeleceu consultorio na rua Passos Manuel, n.º 4, 1.º.



4. Inauguração da bandeira nacional na séde da Sociedade de Instrução Militar Preparatória na Amadora. — 5. Os ciclistas que tomaram parte na corrida realisada na Amadora por ocasião das festas da Sociedade de Instrução Militar Preparatória.

(Clichés do fotografo amator sr. Antonio Amaral d'Almeida).

**PÕ  
DE ABYSSINIA  
EXIBARD**  
Sem Opio nem Morphina.  
Muito eficaz contra a  
**ASTHMA**  
H. FERRE, BLOTTIÈRE & C<sup>o</sup>  
6, Rue Lombard, PARIS

Moedas das raças quentes.  
**FERRO  
QUEVENNE**  
CURA:  
**ANEMIA  
FERRES, DEBILIDADE**  
Activo, agradável,  
económico, inalterável.  
Só da "Union des Fabricants"

**BREVEMENTE**

**Almanaque d'O SEculo**

ILUSTRADO

**PARA 1916**

**DORES DE COSTAS**  
**PILULAS FOSTER PARA OS RINS**  
Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinárias; calculos; nevralgias; rheumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.  
  
As Pilulas Foster para os Rins encontram-se à venda em todas as pharmacies e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.  
Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & C<sup>o</sup>, Succes.**,  
Rua Mousinho da Silveira, N<sup>o</sup> 85, Porto.

**PARA ENCADERNAR A**

**Ilustração Portuguesa**

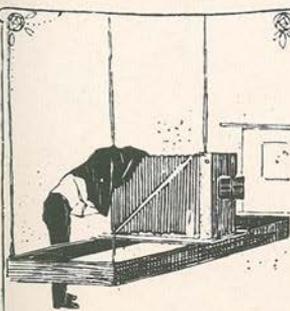
Já estão à venda as capas em percaline de tansasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE DE 1913**, da *Ilustração Portuguesa*.

**PREÇO: 360 réis**

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vaee acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

**ADMINISTRAÇÃO DO SEculo**

Rua do Seculo, 43—LISBOA



Trabalhos de Zincogravura,  
Fotogravura, Stereotipia, Im-  
pressão e Composição

Fazem-se nas

**OFICINAS**

DA



**Ilustração Portuguesa**

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcidível perfeição

Zincogravura e Fotogravura em zinco simples de 1.<sup>o</sup> grau, em cobre, cobreado ou nikelado. Em cobre, a cores, pelo mais recente processo — o de tricromia. Para jornaes com tramas espedias para este genero de trabalhos.

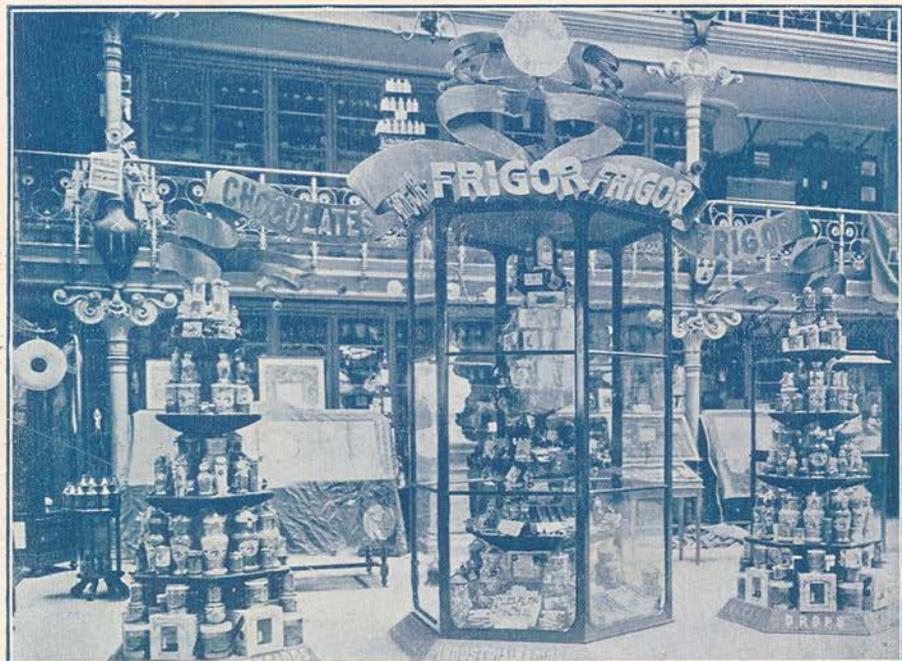
Stereotipia de toda a especie de composição. Im-  
pressão e composição de todo o genero de revistas,  
catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da  
noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

**RUA DO SEculo, 43 — Lisboa**

# Instalação da Fabrica de Chocolates “FRIGOR”

EM

Exposição na Sociedade de Geografia



Chocolates  
Bonbons  
Cacau  
Drops  
Fantasias  
Rebuçados

## COMPANHIA FRIGORIFICA PORTUGUEZA

Telefones 453 — 3042